# FÉ E ESQUIZOFRENIA: UMA LEITURA POSSÍVEL

JESUS, Alcione Lima[1] FERREIRA, Natália M. De Oliveira[1] SANTOS, Sarah A. Ferreira[1]

**nataliapsique2232@gmail.com ;alcionedejesus@live.com; sarahferreiira14@gmail.com**

Professora Orientadora: FARIAS, Simone Pereira[2]

## RESUMO

Este trabalho analisa as possíveis relações entre a fé e a esquizofrenia. Tal problemática consiste em demonstrar quais os possíveis impactos da fé enquanto influência sociocultural, sobre a estrutura psicótica diante da perspectiva psicanalítica. Essa questão se faz necessária uma vez que a fé é constituinte da cultura e concomitantemente o ser humano se constitui através e/ou por meio desta. Desse modo, o sujeito diagnosticado com esquizofrenia e inserido no meio social, sofre influências de sua civilização. Diante disso, a pesquisa almejou ampliar as indagações a respeito da fé enquanto fator sociocultural influente e suas possíveis relações significativas com a esquizofrenia, acreditando no respeito com o sujeito para além de suas crenças e seu diagnóstico. Os objetivos desta pesquisa são investigar o papel da fé como influência sociocultural; diferenciar o conceito de fé e crença e suas influências socioculturais, compreender a estrutura psicótica e a esquizofrenia de acordo com a perspectiva da psicanálise e vislumbrar as possíveis influências da fé no tratamento da esquizofrenia. Para isso, foi empregada a pesquisa qualitativa bibliográfica seguindoos critérios de inclusão e exclusão previamente determinados. A pesquisa demonstrou que a fé como elemento cultural, exerce influências sobre os esquizofrênicos, apresentando-se como alternativa coadjuvante ao tratamento e/ou modo de vida, corroborando a ideia de viverem harmoniosamente para além dos paradigmas.

**Palavras-chave:** Cultura, Fé, Psicose, Esquizofrenia, Psicanálise.

---

[1] Bacharelandos em Psicologia na Faculdade UNA de Sete Lagoas - MG. Artigo científico para Trabalho de Conclusão de Curso no curso de Psicologia em 2023/1.

[2] Professor orientador da Faculdade UNA de Sete Lagoas

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por finalidade apresentar o levantamento bibliográfico acerca das possíveis relações entre a fé e a esquizofrenia, a fim de ampliar a compreensão sobre o tema. Vale ressaltar que se adotou uma perspectiva na qual os conceitos e princípios são abordados para além das crenças e diagnósticos dos sujeitos, pois acredita-se que refletir sobre o tema pode levar a importantes contribuições para o trato com o paciente esquizofrênico.

Desde os primórdios o ser humano para se constituir e se reconhecer enquanto sujeito, é dependente de seu contato com o outro e/ou o mundo, pois é por meio dessa interação que ele se tornará capaz de adquirir os recursos necessários para sua subsistência, uma vez que seu anseio por interação é também atrelado a sua condição de adaptabilidade e segurança que o torna um ser social. Nessa perspectiva, Laraia, (2001) expõe, em seu levantamento antropológico, que, embora os seres humanos sejam espécies únicas e/ou singulares em quesito biológico, eles acabam se diversificando em seu processo de interação social, o que se dá por influência da cultura. Deste modo, sabendo-se que os sujeitos se constituem socialmente e passam por grandes influências sociais compostas pela sua cultura, a fé foi abordada, no presente estudo, como agente ativo do meio social e sua respectiva influência, posto que se acredita que a mesma pode ser um grande objeto de ação intermediadora na interação do sujeito com o externo.

Por conseguinte, a esquizofrenia - também diagnosticada a partir do DSM-5 como espectro da esquizofrenia - é uma psicopatologia de característica marcada como transtorno psicótico e caracterizada por padrões de anomalias que abarcam desde os domínios delirantes e alucinações até a desordem do pensamento e/ou discurso. Já na perspectiva psicanalítica, a psicose é vista como uma estrutura da personalidade na qual um dos quadros possíveis é a esquizofrenia.

Sob esse ponto de vista, é necessário dizer que a estrutura da personalidade é composta por características e percepções que moldam a maneira do sujeito ver e interagir com o mundo, entretanto, o que difere significativamente a personalidade psicótica das demais é sua noção de realidade alterada, pois segundo Freud (1905/1987) a estrutura em questão, ao passar pelas fases de desenvolvimento psicossexual, é exposta por grandes frustrações que marcam sua maneira de interagir com o outro e/ou mundo. Sendo assim, o presente estudo aborda a esquizofrenia enquanto estrutura e seus respectivos padrões além de sua interação peculiar com o outro, e investiga possível interação entre a estrutura esquizofrênica e a fé como agente social, objetivando compreender de que forma as influências sociais que ajudam na construção do sujeito se relacionam à fé, isto é, quais os possíveis impactos da fé como influência sociocultural na esquizofrenia enquanto estrutura. Para tanto, buscou-se investigar os estudos da psicopatologia

clínica da esquizofrenia, quais as possíveis relações da fé com a esquizofrenia, qual o papel e a importância da fé como influência sociocultural, numa tentativa de compreender possíveis influências da fé no tratamento da esquizofrenia. Como aspecto positivo, a pesquisa almeja ampliar a compreensão acerca da fé enquanto fator social influente e suas possíveis relações significativas na esquizofrenia, o que, acredita-se, pode contribuir para consolidação do respeito com o sujeito para além de suas crenças e seu diagnóstico. O artigo apresenta quatro tópicos: A esquizofrenia como estrutura de personalidade, Cultura e a fé como elementos constituintes, Relações entre crença e fé, A fé como saída na perspectiva psicanalítica e Fé e esquizofrenia: uma leitura possível.

## 2. METODOLOGIA

Para investigar as possíveis relações entre a fé e a esquizofrenia, realizou-se, como já exposto, uma pesquisa qualitativa bibliográfica, seguindo os critérios de iserção e exclusão previamente determinados. Os descritores usados foram fé, influência sociocultural, e esquizofrenia, a base de dados se caracterizou a partir Livros, Scielo e Google Acadêmico.

Os critérios de inclusão utilizados nesta pesquisa foram: obras traduzidas em português, artigos publicados em português, artigos que dispunham de texto completo, artigos que discorriam sobre o tema: Fé e Esquizofrenia. Os critérios de exclusão utilizados nesta pesquisa foram: Estudos de caso, ensaios clínicos e documentos, pois não condiziam com os objetivos propostos da pesquisa.

Segundo Lozada e Nunes (2019) “a revisão de literatura consiste no mapeamento teórico do estado atual de conhecimento sobre o tema em questão. A revisão tem como base pesquisas já realizadas e busca verificar se a ideia é viável do ponto de vista teórico. ”, neste sentido, a revisão se norteou por melhor compreender as implicações acerca da fé e suas contribuições para a esquizofrenia, verificando suas possibilidades enquanto recurso e importância. Por conseguinte, o presente documento se inicia explicitando acerca do melhor entendimento da esquizofrenia e/ou psicose, uma vez que, a pesquisa almeja compreender as possíveis relações da fé com a esquizofrenia.

## 3. A ESQUIZOFRENIA COMO ESTRUTURA DE PERSONALIDADE.

A esquizofrenia e/ou psicose, podem ser compreendidas por diversas linhas teóricas da Psicologia. Por isto, o presente documento descreve um breve levantamento com base na perspectiva psicanalítica, a fim de se obter melhor discernimento acerca da questão. Com base nesse pressuposto, para a psicanálise a psicose é uma estrutura de personalidade na qual um dos

quadros possíveis é a esquizofrenia. Assim uma estrutura de personalidade é composta por características e percepções que moldam a maneira do sujeito ver e interagir com o mundo, entretanto, o que difere significativamente a personalidade psicótica das demais é sua noção de realidade alterada, pois segundo Freud (1905/1987) ‘’a estrutura em questão, é exposta por grandes frustrações que ocasionam uma regressão e marcam sua maneira de interagir com o outro e/ou mundo’’. No entanto, para melhor compreender o conceito de psicose a luz da psicanálise, Zimerman apud Lins (2007, p. 4) explica que a psicose se distingue em três situações:

> 1) - Psicose propriamente dita; 2) - estado psicótico; 3) - condição psicótica. O que nos interessa aqui é a psicose propriamente dita. O autor define que as psicoses "implicam um processo deteriorativo das funções do ego, a tal ponto que haja, em graus variáveis, algum sério prejuízo do contato com a realidade. É o caso, por exemplo, das diferentes formas de esquizofrenias crônicas". (Zimerman apud Lins, 2007, p. 4)

De acordo com Zimerman apud Lins (2007) a psicose tem como estrutura o princípio do prazer (id) sobre o princípio da realidade (ego), assim as funções do ego são prejudicadas caracterizando o contato do indivíduo psicótico com seu mundo externo como um ambiente restrito ao seu universo Inter psíquico, ou seja, um mundo só seu. Por esta razão, Bleuler apud Laplanche *et al* Pontalis (2001) diz que ao introduzir o termo esquizofrenia evidencia o sintoma fundamental da psicose, a dissociação, que é a desconexão do sujeito com a realidade. Nesse sentido, de acordo com o DSM-5-TR (2022) a esquizofrenia e/ou psicose podem ser entendidas, como um transtorno psicótico definido por “delírios, alucinações, pensamento desorganizado (fala) e conjunto de sintomas negativos [...]”.

Sendo assim, visto que a esquizofrenia é posta como um transtorno psicótico, pode se entender que, ela se caracteriza como um transtorno de ordem psicótica por expor o sujeito em uma condição de alteração de sua realidade no qual padece por grandes conjuntos de sinais e sintomas.

Ademais, Silva apud Freud (2018) “elucida que na psicose o ego rejeita a representação incompatível com seu afeto e age como se essa representação nunca estivesse existida, tudo isso graças ao seu desligamento da realidade.”

Assim, na psicose a “perda é relativa ao mundo externo, por isso é uma perda na dimensão simbólico-social. ” (SILVA, 2018, p.11). Dessa forma, o sujeito psicótico vive em conflito entre o ego e o mundo externo, ocasionando na rejeição radical com a realidade social e em sua

substituição.  E essa realidade que foi rejeitada, retorna a partir do mundo externo para o interno, em forma de alucinações e delírios.

Em síntese, ao elucidar sobre o elemento estruturador da personalidade - a psicose - aponta a estrutura como singular e específica, corroborando na coexistência de mundos, uma vez que, sua característica e/ou sintoma principal é pautado na alteração e dissociação da realidade, além de ser reconhecida como alteridade radical. Portanto, ao esclarecer diante os saberes expostos, dispõe-se a melhor alcançar o entendimento acerca da cultura e seus aspectos influentes, abarcando um pequeno levantamento dos meios e/ou modos de constituição cívica e a investigação da fé como elemento cultural.

## 4. A CULTURA E A FÉ COMO ELEMENTOS CONSTITUINTES

Desde os primórdios, o ser humano, para se constituir e se reconhecer enquanto sujeito, é dependente de seu contato com o outro e/ou com o mundo, pois é por meio dessa interação que ele se tornará capaz de adquirir os recursos necessários para sua subsistência, uma vez que, a seu anseio por interação, é também atrelado a sua condição de adaptabilidade e segurança que o torna um ser social. Assim, Laraia (2001) expõe, em seu levantamento antropológico, que embora os seres humanos sejam espécies únicas e/ou singulares em quesito biológico, eles acabam se diversificando em seu processo de interação social, o que se dá por influência da cultura, sendo expostos a condições decorrentes de sua evolução, na qual são marcados por diversas características humanas.

Laraia (2001) aponta, ainda, a cultura como principal característica humana oriunda da evolução biocultural e expõe que:

> Edward Tylor (1832-1917) no vocabulário inglês Culture, que "tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade". (...) O conceito de cultura, pelo menos como utilizado atualmente, foi, portanto, definido pela primeira vez por Tylor (...). (TYLOR, 1832-1917, apud LARAIA, 2001, p.14).

Assim, a cultura torna-se fonte influente sobre o sujeito e seu processo civilizatório, pois ela foi se constituindo concomitantemente à equipagem estrutural e/ou fisiológica do sujeito humano, possibilitando concluir que:

> ... a comunicação é um processo cultural. Mais explicitamente, a linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral. (LARAIA, 2001, p.28).

Nesta perspectiva, é possível observar a cultura e seus aspectos dominantes em toda dinâmica que circunda a interação e/ou constituição cívica dos sujeitos.

Desta maneira, Bernardi (2016) complementa que: “ Essa cultura pode ser marcada como a totalidade das reações e atividades mentais e físicas que caracterizam a conduta dos indivíduos que compõem um grupo social, coletiva e individualmente...” Assim, torna-se preponderante neste trabalho a compreensão da fé e sua atribuição como elemento constituinte da cultura, uma vez que, segundo Ahlert, (2007) se trata de “uma sustenão de valores significativos para existência humana, que mostra a cada um o que deve ser feito e como deve estruturar a sua vida, além de ser um princípio cognoscitivo que permite distinguir o que é importante para cada um”.

Por conseguinte, sabendo que a cultura abarca diversos elementos pertinentes à dinâmica humana, torna-se necessária a discussão acerca da fé, por se perceber sua relação com a cultura. Nesse sentido, sobre a fé, enquanto agente ativo e influente do meio social, Bernardi diz:

> Os valores culturais vão determinar quais objetos, ritos e sinais que se apresentarão como sagrados. **Sanches (2004, p. 38)** estabelece que "é necessário reconhecer que os conceitos religiosos se formam a partir da cultura e que a comunhão de fé é determinada pelo que envolve o todo de uma sociedade". Sanches apud Bernardi (2016, p.3)

É fundamental, portanto, reconhecer a importância da cultura e, sobretudo, a fé como meios intermediadores que influem nos modos cívicos de se organizarem, uma vez que, cultura se destaca pela prática ligada à construção do lugar em que o sujeito se estabelece, baseado em seus conjuntos de fatores éticos, morais, cognitivos e afetuosos. Em vista disso, o meio primordial que possibilita toda essa interação, se dá por conta da linguagem humana, como produto da cultura. Denota-se então, a fé como aspecto dinâmico nos modos de se expressarem culturalmente; sendo assim, para melhor compreender o lugar da fé e suas possíveis relações comas crenças desenvolvidas ao longo do desenvolvimento humano e sua civilização, faz-se necessário o apontamento e suas diferenciações e/ou relações.

## 4.1 RELAÇÕES ENTRE CRENÇA E FÉ

Compreender a fé e sua relação com a cultura, demanda diferenciá-la do conceito de crença, uma vez que ambas são constituintes conciliáveis e adaptáveis inerentes à condição humana, no entanto, se divergem em seus modos operantes.

Nos primeiros anos de vida o sujeito desenvolve conceitos de si, dos outros e do mundo,

as crenças mais centrais são concepções tão enraizadas que frequentemente o indivíduo não as questiona durante todo o decorrer de toda sua vida, assim ele as vê como verdades absolutas. (BECK, 2011)

"As crenças nucleares são o nível mais fundamental da crença; elas são globais, rígidas e supergeneralizadas. " (BECK, p.58, 2011). Para este autor, as crenças são as atitudes, regras e pressupostos e influenciam na visão do sujeito com o mundo em sua volta.

Laraia (2001), por sua vez, estabelece que a crença faz parte de um conjunto complexo de conhecimentos que forma a cultura. E que essa influência na organização coletiva, econômica, práticas religiosas etc.

Por outro lado, compreende-se que a "fé (no seu sentido mais amplo e legível) constitui um componente indispensável - uma dimensão - de toda a existência humana" (SEGUNDO, 1985, p.31 apud AHLERT, 2007, p.7). Ela é, em sua essência, uma adesão afetiva. Desse modo ela é *a-racional* pois não é oriunda de um raciocínio, porém *supra-racional* pois excede o raciocínio. Ao proferir a fé, exploramos a profundidade do ser e o sentido da existência humana. (ZILLES, 2005)

A Fé assume, desse modo, um caráter filosófico, pois conduz o sujeito a "[...] perseverar na busca do que não se vê, do invisível, e o que ainda não pode ser visto com os "olhos da razão" será vislumbrado pelo "olhar da fé", impulsionando a razão a procurar entender o que, por ora, está oculto ao intelecto. " (MATTOS, 2018, p. 16)

Entretanto, a razão não se distancia da fé, e neste sentido evidenciando as relações entre fé com a razão, Mattos (2018, p17) afirma que ambas se acompanham e:

> Compartilham do mesmo conteúdo, que deve, por seu turno, ser apreendido, conhecido e analisado pelo intelecto, mas cabe à fé motivar o homem para uma nova reflexão, trazendo à luz do pensamento o conteúdo apreendido, para que seja refinada a sua compreensão (MATTOS, 2018, p. 17).

À luz da filosofia, a fé faz referência a algo que não possui um fim além em si mesmo, mas sim, àquilo que extrapola a consciência humana. Nesse sentido ao se refletir sobre os dados da fé "...empreende a ascensão do visível ao invisível, do humano ao divino, do temporal ao eterno. " (AGOSTINHO, p.449 apud MATTOS, 2018, p. 18).

Assim, fé e crença se diferenciam por sua essência, pois a fé é atrelada a uma condição afetuosa que implica uma perspicácia superior ao sujeito, tornando-se atributo imensurável que anseia pelo desconhecido e/ou misterioso, a fim de motivar a perseverança em seu processo de completude do ser e da falta, corroborando à subjetivação. Por sua vez, a crença é vinculada à

percepção própria do indivíduo e sua maneira de ver e interagir com o mundo, adquirida por ensinamentos e aprendizados ao longo de sua história racional. Contudo, ao compreender a fé como elemento cultural e sabendo de sua condição afetuosa, na qual é capaz de transcender a existência humana e influir na subjetividade dos sujeitos, cabe-se fazer um breve exposto acerca dos elementos culturais como saída mediante a perspectiva psicanalítica.

## 4.2 A FÉ COMO SAÍDA NA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

Sabendo que o ser humano é um sujeito que se estabelece através de suas relações sociais e/ou civilizatórias que estão expostas a grandes influências de seu meio cultural, no qual encontram-se um complexo conjunto de fatores sociais adquiridos pelo homem na sociedade, FREUD (1930/2011, p.9) se põe a questionar o fato de ‘’que o homem adquire noção de seu vínculo com o mundo por um sentimento imediato, desde o início orientado para isso. ’’ Neste sentido, pensar no vínculo imediato com o mundo e/ou outro pode ser um tanto quanto equivocado, pois para ele a interação se oriunda de princípios primordialmente intrínsecos de cada ser humano, expressando os autênticos valores e/ou desejos da vida.

Ainda nesta perspectiva, ele acrescenta sua crítica por observar a ideia que muitos consentem do possível sentimento de vinculação com o mundo externo, entretanto, FREUD (1930/2011, p.7) destaca que ‘’a coisa pode não ser tão simples, devido à incongruência entre as ideias e os atos das pessoas e à diversidade dos seus desejos’’, ressaltando o pensamento de que, embora se fale do sentimento de vinculação mediante o mundo, este se apresenta conflituoso, uma vez que segundo Freud (1930/2011, p.20) ‘’sob a pressão destas possibilidades de sofrimento, os indivíduos costumam moderar suas pretensões à felicidade’’, corroborando a necessidade dos sujeitos se apegarem aos recursos do seu meio (socioculturais), acentuando a precisão de recorrerem a medidas que evitem o desprazer. Nesse sentido, é perceptível o pensamento que o autor nos exorta em relação à dinâmica conflituosa do eu/outro, pois embora fora citado que o sujeito se constitua socialmente e esteja condicionado aos fatores externos, este fato não necessariamente nos incumbe à uma condição ideal e satisfatória, a qual se ampliará a todas as pessoas, apontando então ao vínculo conflituoso.

Deste modo, mesmo que a cultura exerça um papel fundamental, é importante se ater aos ‘’perigos’’ alienantes e sutis dela, pois de acordo com Freud:

> Normalmente nada nos é mais seguro do que o sentimento de nós mesmos, de nosso Eu. Este Eu nos aparece como autônomo, unitário, bem

> demarcado de tudo o mais. Que esta aparência é enganosa, que o Eu na verdade se prolonga para dentro, sem fronteira nítida, numa entidade psíquica inconsciente a que denominamos Id, à qual ele serve como uma espécie de fachada. Freud (1930/2011, p.9.)

Compreende-se, pois, a importância da autonomia dos sujeitos em sua dinâmica com o externo, mas entende-se, também, que são relativamente expostos às exigências internas - o aparelho psíquico - e suas instâncias. Sendo assim, na tentativa de lidar melhor com as demandas e pressões internas e externas, o sujeito em questão, se vê na necessidade de se apegar em acordos que conforme em sua vontade e seus desejos; dessa maneira Freud (1930/2011, p.9) destaca que ‘’mas ao menos para fora o Eu parece manter limites claros e precisos’’, legitimando a ideia de que para se viver em harmonia ao menos com o mundo exterior ( sendo ele constituído e influenciado pela cultura), o indivíduo alcança uma melhor satisfação de seu bem estar por ser capaz de ajustar seus reais desejos com os limites externos. Entretanto, Freud aponta que:

> A patologia nos apresenta um grande número de estados em que a delimitação do Eu ante o mundo externo se torna problemática, ou os limites traçados incorretamente; casos em que partes do próprio corpo, e componentes da própria vida psíquica, percepções, pensamentos, afetos, nos surgem como alheios e não pertencentes ao Eu. Freud (1930/2011, p.9)

Contudo, pode-se perceber a ideia de que é inevitável a extinção do mal-estar e total conformidade dos ajustes entre o sujeito (o Eu) e o outro (externo), pois sempre haverá a insatisfação devida a incongruência e diversidade dos desejos e vontades, ocasionando em eventuais patologias. À vista disso, para psicanálise, a fé se apresenta como um constitutivo imensurável pertencente do externo, que sobrevém aos sujeitos dispostos a se amoldarem de acordo com as imposições internas e externas; supostamente contribuindo em apartar o afeto da ‘’culpa’’ inconsciente dos indivíduos e seus ‘’desajustes’’ incongruentes e inautênticos, almejando o prazer e/ou felicidade.

Sendo assim, ao compreender a fé como um constitutivo imensurável capaz de influenciar na vida dos sujeitos e em sua dinâmica para com o mundo, tornou-se necessário fazer uma associação entre os aspectos voltados à psicose e a influência da fé pautados na perspectiva psicanalítica

## 5. FÉ E ESQUIZOFRENIA: UMA LEITURA POSSÍVEL.

O ser humano, conforme a perspectiva psicanalítica, é determinado a pertencer a estruturas de personalidade que predizem suas formas de percepção e interação com o mundo. Dessa maneira, o sujeito pertencente à psicose, a qual se caracteriza por uma personalidade marcada pela perda e/ou falta de noção com a realidade, conduz sua vida de forma peculiar e geralmente utiliza-se de recursos subjacentes para melhor lidar com o manejo entre sua realidade e a realidade posta pelo mundo (outro). Dessa maneira, sabendo que os sujeitos, em seu processo civilizatório, passam por influências de seu meio (socioculturais), e como bem elucida FREUD (1930/2011; p. 34) ‘’que a palavra ‘’civilização’’ designa a inteira soma das realizações e instituições que afastam a nossa vida daquela de nossos antepassados animais.’’, é cabível dizer, portanto, que embora a obra referende-se acerca dos sujeitos neuróticos, adequa-se também aos de estrutura psicótica, pois mediante o processo de civilização a única ‘’exclusão’’ evidenciada é a dos animais e no entanto, é compreensível que todos seres humanos sejam postos à constituição cívica.

Posto isto, de acordo com SILVA (2018, p.5) ‘’Freud demarca uma diferenciação entre a neurose e a psicose... Para ele, tanto na neurose como na psicose, há conflitos na relação do sujeito com o mundo externo, mas os mecanismos e as consequências serão diferentes nos dois casos... Na psicose, há conflito entre o eu e o mundo externo/social.’’, tornando-se claro, o entendimento de adequação do mal-estar que aflige também à estrutura psicótica, pois os sujeitos em questão, não são indivíduos isolados mas seres preeminentemente sociais. Nesse viés, pode se compreender que muito dos recursos adotados pelos psicóticos, volta e meia são advindas do meio externo.

Por conseguinte, ao elucidar possíveis formas do indivíduo lidar com sua frustração e/ou desamparo frente a realidade que lhe sobrevém com um peso forte demais, Freud faz um levantamento das alternativas como artifícios a fim de substituírem a angústia e o mal-estar, apontando que muitas vezes estes recursos se encaixariam como delírio, uma vez que, possuem como fundamento a recusa frente a realidade atual, salientando que (FREUD, 1930/2011, p.26) ‘’devemos caracterizar como tal delírio de massa também as religiões da humanidade. Naturalmente, quem partilha o delírio jamais o percebe’’; assim o autor nos exorta à um pensamento crítico e de possível alienação dos meios adotados. No entanto, FREUD (1930/2011, p.26) se põe a ressalva que ‘’diz-se que cada um de nós, em algum ponto, age de modo semelhante ao paranoico, corrigindo algum traço inaceitável do mundo de acordo com seu desejo e inscrevendo esse delírio na realidade. ’’

Por esse viés, Silva (2018), elucida que Freud apresenta o delírio como uma possibilidade de constituir o laço com a realidade inexistente, consequentemente após sofrer então, pelos males que a civilização e/ou mundo externo lhe causa, ocasionando no possível equilíbrio alcançável pelos meios de configurações culturais.

Neste sentido, pode-se perceber portanto, que embora a estrutura psicótica busque por maneiras de se ajustarem a realidade que o afligem, com métodos apontados criticamente como aliciantes e/ou delirantes, é compreensível o meio adotado, pois conforme FREUD (1930/2011, p.26) ‘’se distingue pela combinação muito peculiar de características diversas... e com esse propósito localiza a satisfação em processos psíquicos internos’’, proporciona-se uma relação afetuosa com o mundo (o outro), pois ao se apropriar dos objetos-influências externas- resultam na interação mais harmoniosa e na obtenção da então felicidade. Assim, por este lado, a fé como bem explicitada, pode se aplicar como um sentido para a estrutura psicótica, por se constituir como influente do meio externo e ser capaz de corroborar na satisfação de se viver frente a realidade.

Como via de exemplo, a escritora e poeta Adélia Prado traz, em sua obra *MISERERE* (2013), a fé como saída e forma de se ajustar ao mundo e suas respectivas frustrações e/ou infelicidades, visto que ela expõe o fato de os indivíduos serem ‘’perfeitos’’ em miséria e necessitarem da busca por algo que os conceda completude e conformidade, colocando a fé como a transcendência imprescindível ao ser.

Contudo, em um estudo psicossocial realizado em uma instituição de saúde que trata pacientes com doenças infecciosas, em Araraquara – SP, foram acompanhados 6 pacientes no processo de diagnóstico, tratamento e alta médica, e os dados coletados constataram que os sujeitos relacionam a fé a sua recuperação e ao desejo de melhoria. Apresentaram a fé como algo que transcende a existência e dá sentido à vida. (RODRIGUES, SILVA E PEDRO, 2008).

Os profissionais (médicos, enfermeiros e psicólogos) entrevistados associaram a “fé a uma estratégia de enfrentamento que auxilia o tratamento e recuperação dos pacientes. Nenhum profissional fez referência a fé relacionada apenas à religião. ” (RODRIGUES, SILVA E PEDRO, 2008, p. 200). Desde modo, a fé ultrapassa as barreiras da religião e assume um papel transcendental.

À vista disso, pode-se compreender a fé como elemento cultural capaz de influenciar no bem-estar dos sujeitos e é também perceptível e coerente o entendimento acerca da relação que a fé estabelece mediante a estrutura psicótica. Dessa maneira, para melhor estabelecer o discernimento do vínculo que o psicótico pode criar através do recurso do delírio, como maneira apaziguadora frente a realidade, e em comunhão com a fé, é lícito apropriar-se aqui, pela terceira

via da Psicanalise, a Logo terapia. Isto, por ela compreender que a força motivacional do indivíduo se baseia na busca de sentido. Acredita-se, portanto, que seu esclarecimento referente ao sentido apoia a aplicação do elemento cultural (fé) como coadjuvante na tratativa do sujeito psicótico. Assim de acordo com FRANKL (1984) a fé assume uma visão positiva da capacidade humana e é capaz de transcender em situações difíceis e explorar uma verdade orientadora e trazer sentido à vida.

Sobre a sentido da vida afirma (Frankl, 2010: 29 apud Batista, 2018, p. 7):

> [...] o sentido não se encontra em si, mas no mundo concreto: "El sentido no puede darse, sino que debe descobrirse". Como possibilidade que salta do profundo da realidade, o sentido exige do homem o manuseio dos utensílios disponíveis no mundo a sua disposição para tece o tecido da existência. (Frankl, 2010: 29 apud Batista, 2018, p. 7)

Para Frankl a transcendencia ocorre por meio da fé como elucida (Batista, 2018):

> [...] a fé se dá na dimensão do encontro, encontro com uma pessoa concreta, encontro com seu modo de pensar, sentir e agir. Este encontro transcendente implica na doação mutua da própria vida, para depois reencontrá-la numa realidade totalmente nova [...] A fé a partir da dimensão do encontro permite acesso a pessoa do outro, que se atem não no que ele é, mas no que pode vir a ser. (Frankl, 2010: 29 apud Batista, 2018, p. 9)

Portanto é através da fé que o homem encontra sentido e por meio do sentido que o homem transcende. E essa transcendência se dá ao acessar o outro, como elucida Frankl (2010, p 29 apud Batista, 2018, p. 9).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o levantamento bibliográfico, pôde ser observado que os sujeitos em seu processo civilizatório se constituem socialmente e passam por grandes influências de sua cultura. Nesta perspectiva, a fé é evidenciada enquanto agente ativo do meio, sendo também atrelada com a profundidade do ser e ao sentido da existência humana (ZILLES, 2005), ocasionando em uma transcendência, ou melhor dizendo, nas experiências que se expandem para além dos indivíduos, corroborando aos fenômenos metafísicos, que implicam na ‘’completude do ser’’. Por conseguinte, embora se fale do sentimento de vinculação mediante o mundo, este se apresenta conflituoso, uma vez que de acordo com Freud (1930, p.20), ‘’sob a pressão destas possibilidades de sofrimento, os indivíduos costumam moderar suas pretensões à felicidade’’, evidenciando a necessidade dos sujeitos se apegarem aos recursos do seu meio (socioculturais), acentuando a precisão de recorrerem a medidas que evitem o desprazer e o conforme em na dinâmica eu/outro. A fé assume, assim, um protagonismo por consolidar e amenizar a relação dos sujeitos psicóticos com o mundo, possibilitando a coexistência de mundos com uma realidade mais afetuosa e harmoniosa.

Contudo, sugere-se um olhar mais atento e sensível mediante a vida e suas incumbências, pois, embora a relação humana para com o mundo seja de ordem conflituosa, dada por sua grande diversidade de desejos e vontades, nas quais se sofre pelo mal-estar e/ou desprazer, tornou-se perceptível, que a fé propriamente dita, é capaz de transcender a existência humana e suas expectativas, contribuindo para a capacidade dos sujeitos em se amoldarem diante as exigências postas da realidade experimentada. Neste sentido, os indivíduos com estrutura psicótica e/ou esquizofrênicos, para se absterem do afeto da ‘’culpa’’ inconsciente de não pertencerem a realidade normal e com seus respectivos danos e/ou sintomas, podem se beneficiar por relacionarem sua condição de vida humana com a fé, uma vez que a mesma é capaz de influenciar diretamente nos modos e sentidos da existência, proporcionando um sentido que não se encontra em si, mas no mundo, juntamente com seu manuseio entre a disposição e os ajustes de seus desejos para com a realidade; corroborando na construção de uma psicanálise capaz de lidar com novos paradigmas de seu tempo e sua cultura.

## REFERÊNCIAS


AHLERT, Alvori. **Fé antropológica como ponte entre fé e ideologia em Juan Luis Segundo. Teología y vida**, v.48, n. 4, p. 321-336, 2007. Acessado 18 de setembro

BECK, Judith. **Terapia Cognitivo Comportamental.2** Ed.Porto Alegre: Artmed,2014

**Diagnóstico e estatístico manual de transtornos mentais e desordem metal**[recurso eletrônico]: DSM-5-TR / [American Psychiatric Association; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2012.

DOURADO, Meilane oliveira**. Esquizofrenia e religiosidade: a manifestação do delírio na avaliação psicológica**.Brasilia, outubro, 2013. Disponivel em: https://repositorio.ucb.br:9443/jspui/bitstream/10869/5331/1/Meilaine%20de%20Oliveira%20Dourado.pdf . Acessado em 17 out. 2023

FIRST, Michael B. et al. **Entrevista clínica estruturada para os transtornos do DSM-5: SCID-5-CV versão clínica. Artmed Editora, 2017.**

**Esquizofrenia: perspectivas atuais acerca do diagnóstico, tratamento e evolução clínica da doença**. Brazilian Journal of Health Review, 2022. Disponível em: < https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/55925>. Acesso em: 15/08/2023.

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração**. 45. São Leopoldo / Petrópolis: Editora Sinodal/Editora Vozes, 2019, 184 p.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**, 1856-1939/ Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza. --1°ed.--São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras,2011.

LARAIA, Roque de Barros, 1932- **Cultura um conceito antropologico/ Roque de Barros Laraia.** -14. ed.-Rio de Janeiro: Jorge ‘’Zahar’’ Ed., 2001.

LOZADA, Gisele. NUNES, Karina da Silva. **Metodologia científica**. Sagah Educação. Porto Alegre, 2018.

MATTOS, José Roberto Abreu. **Fé, razão e conhecimento em santo agostinho**. Reveleteo. São Paulo. Vol. 12. Janeiro, 2018. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo. Acessado em 18 set. 2023.

PERES, Mario FP, et al. "**A importância da integração da espiritualidade e da religiosidade no manejo da dor e dos cuidados paliativos."** *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)* 34 (2007): 82-87. Acesso em: 05 de Maio de 2023.

PRADO, Adélia. MISERERE. 1 Edição. Rio de Janeiro: Editora Record. 2013.

REVISTA UNIARA, n.0 21/22. São Paulo. 2009. Disponível em: https://www.revistarebram.com/index.php/revistauniara/article/view/189/156. Acessado em 18 set. 2023.

RODRIGUES, Renata Maria Cury. SILVA, Daniel Rodrigues. PEDRO, Wilson José Alves. **Uma análise fenomenológica sobre a influência da fé no tratamento e recuperação de pacientes.**

ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SIGMUND, Freud. **Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

SILVA, Beatriz de S. CASTRO, Júlio Eduardo. **A construção do conceito de psicose de Freud a Lacan e suas implicações na prática clínica**. Analytica, São João del-Rei, V.7, N.13, julho, dezembro de 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/analytica/v7n13/02.pdf. Acessado em 18 Setembro de 2023.

**Laplanche e Pontalis Vocabulário da psicanálise/ Laplanche e Pontalis;** sob a direção de Daniel Lagache; tradução Pedro Tamen – 4ª Ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ZILLES, Urbano. **Fé e razão na filosofia e na ciência.** Rev. Trim. v. 35. Nº 149. Porto Alegre, Set. 2005. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/download/1697/1230/0. Acessadoem 18 set. 2023.

SILVA, Beatriz de S. CASTRO, Júlio Eduardo. **A construção do conceito de psicose de Freud a Lacan e suas implicações na prática clínica**. Analytica, São João del-Rei, V.7, N.13, julho, dezembro de 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/analytica/v7n13/02.pdf. Acessado em 18 Setembro de 2023